



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<b>Autor/editor:</b> Alenka Zupancic	<b>Cód.:</b>
<b>TÍTULO:</b> What Is Sex?	<b>Data da ficha:</b> 26 de Julho 2018
<b>Editora:</b> MIT Press	
<b>Ano:</b> 2017	
<b>ISBN:</b> 0262534134	
<b>Páginas:</b> 164	

### 1. Observações sobre o conteúdo:

#### 1.1. Ficha de leitura (até 7000 ca)

Tendemos a pensar que as normas culturais são responsáveis pela manutenção da chamada “sexualidade natural” (heterossexualidade) e pela repressão de impulsos sexuais ditos perversos e anti-sociais. Mas é mesmo assim? Será possível que esta perceção seja válida apenas de uma perspetiva superficial?

Zupancic analisa a forma como o Cristianismo entende a sexualidade. Citando Jacques Lacan, a autora diz-nos que a Igreja se contenta com a assimilação (pela via oral) do corpo de Cristo, servindo a comunhão para estreitar laços sociais. Assim, são-lhe suficientes os atos (sexuais) parciais e auto-direcionados. Para conseguir operar, o Cristianismo não precisa da cópula, que aparece mais como um elemento adicional ou suplementar à sua lógica de base e que é por isso vista como algo perturbador. Por esta razão, mesmo o ato sexual com fins reprodutivos (supostamente mais puro) aparece sempre marcado pelo pecado. Ou como nos diz Santo Agostinho, o sexo não é o pecado original mas a nossa punição e a forma como esta se perpetua; uma espécie de maldição eterna. Ao passo que a cópula natural aparece banida do imaginário cristão, proliferam, por exemplo, imagens de santos a comer fezes, algo normalmente tido como uma das mais vis perversões. Nas estórias e de figuras de santos abundam aquilo a que Freud chamou “objetos parciais” (seios cortados ao meio, olhos arrancados), que na psicanálise aparecem associadas às pulsões do mesmo tipo (“partial drives”). Desta perspetiva, ironicamente, o cristianismo parece cultivar os prazeres do corpo (“jouissance of the body”), e podemos mesmo associar a religião à “perversidade polimórfica” que Freud detetou na sexualidade infantil.

Assim, não é tanto o prazer que é banido pelo cristianismo mas a sua ligação à sexualidade. Isto é, parece ser importante para o cristianismo não ver estes prazeres como algo de cariz sexual; pretende fazer-se uma separação clara entre prazer e sexo. Zupancic sugere que o foco da religião sobre a sexualidade natural parece servir mais para reprimir a sexualidade em si do que a proliferação de prazeres.

Ironicamente, o aspeto mais problemático da sexualidade parece mesmo ser aquele que tendemos a ver como o mais natural. Chegada a este ponto, a natureza demonstra incerteza e hesitação. O ideia central aqui não é meramente que não conseguimos, à partida, separar a natureza da cultura mas que falta à natureza algo que lhe permita ser a “Natureza” que tendemos a ver como o nosso Outro. A cultura não é, como muitas vezes a vemos, um agente de mediação que fragmenta e distorce a sexualidade natural (que os animais supostamente manifestam no seu estado bruto). A cultura é algo que aparece precisamente no ponto em que natureza chega a um impasse, i.e. ao impasse da sexualidade. Quer isto dizer que o “instinto sexual” não existe e que não há qualquer lei que faça com que a sexualidade se manifeste de forma automática e inflexível. Tendemos a ver o ser humano como uma exceção às leis da natureza, visto que a sua sexualidade supostamente vai para além do mero instinto animal. Na verdade, os seres humanos são apenas excecionais por ser neles que esta incapacidade da natureza, o seu lado negativo, adquire uma forma epistémica. Na sexualidade humana fica, assim, registada a “impossibilidade da relação sexual” (nos termos de Lacan), que se manifesta através daquilo a que Freud chamou o “inconsciente”. A sexualidade não é problemática para os animais porque estes não sabem que ela é problemática. Não podemos, ainda assim, dizer que os seres humanos estão conscientes desse problema visto que o nosso saber neste âmbito se processa no domínio do inconsciente. O inconsciente é a manifestação positiva do lado negativo da natureza. O inconsciente não é uma forma de intuição pré-reflexiva. Saber de forma “inconsciente” também não quer exatamente dizer que não sabemos nada. O saber inconsciente traduz-se antes num “não saber que sabemos que não sabemos” (nas palavras de Slavoj Žižek).

A história de Adão e Eva, ao apresentar a sexualidade e o conhecimento como realidades inseparáveis, acena na direção correta. Ao mesmo tempo que é revelada a estrutura do conhecimento, deparamo-nos com o fosso do inconsciente: é isso que distingue conhecimento da mera informação. Daí advém também a vergonha de Adão e Eva: apercebem-se que há um elemento em falta na estrutura do conhecimento. “Conhecer alguém no sentido bíblico” implica, então, confrontar a dimensão do Outro onde o conhecimento está em falta. Daí a vergonha. O corpo nu é fonte de vergonha não por estar nu mas porque há algo que não consegue expressar, nomeadamente a relação sexual (impossível de concretizar, como vimos acima). A norma (que prescreve uma certa sexualidade) resulta precisamente desta incapacidade de fazer sentido da relação sexual.

A não-relação, note-se, não indica apenas uma impossibilidade. A não-relação é Real. Isto quer dizer que não devemos ver o desejo sexual como uma “fantasia” que a psicanálise consegue ajudar-nos a desmistificar, substituindo-a pela série de “prazeres parciais” que supostamente compõem a realidade pura e dura. A relação sexual não descreve apenas aquilo que não existe mas que gostávamos que

existisse (uma fantasia). A não-relação é real no sentido de que a ausência ou negatividade que descreve é parte integrante daquilo que existe, determinando-o e estruturando-o de forma essencial. Os ditos prazeres parciais são também já à partida determinados pela negatividade da não-relação (um sentimento de “à falta de algo melhor...”). Os prazeres parciais são a forma como a negatividade se manifesta no real. Não podemos dizer, então, que de um lado temos a positividade plena dos prazeres e do outro esta ideia catastrófica de que há sempre algo em falta (que tentamos encobrir com as fantasias). A ausência é precisamente aquilo que estrutura estes prazeres parciais.

Quando alguém hoje em dia fala da relação da psicanálise com a política, normalmente adota uma de duas posições: ou desvaloriza a sexualidade como algo secundário relativamente aos vários conceitos teóricos de Lacan, ou vê o engajamento político sério como algo patológico (desconsiderando o facto de que a política é movida pelo impossível). O erro da primeira posição é ver a sexualidade como uma coisa tangível e específica, que pode ou não estar presente. O mesmo acontece no segundo caso: a política é entendida como uma entidade concreta. O conceito de relação sexual de Lacan não deve ser entendido como aquele que melhor descreve a sexualidade enquanto realidade específica. Aquilo que esse conceito faz é descrever como a dita não-relação determina vários tipos de laços (incluindo laços sociais e discursivos). A sexualidade, em Lacan, não é uma questão de conteúdo (ou de práticas): o sexo descreve um impasse no ser que estrutura esse mesmo ser. A sexualidade não tem que ver com forma mas com a ausência de forma. Podemos dizer que, neste âmbito, o sexo é o oposto de uma entidade como o unicórnio, criatura que não existe empiricamente mas que, se existisse, teria uma forma identificável. Empiricamente, o sexo existe sem qualquer dúvida; o que parece estar a faltar é a Ideia de sexo, a sua essência. Dizer que o sexo é porco ou vulgar parece responder de forma demasiado rápida e fácil àquele que é o problema fundamental, i.e. que não sabemos o que é o sexo.

O feminismo, quando aparece, não tenta afirmar uma identidade feminina (e respetivos direitos) mas sim problematizar o facto de que metade da raça humana era politicamente “inexistente”. Foi essa inexistência ou invisibilidade que o feminismo transformou numa divisão que diz respeito a todos (daí a sua dimensão política). A divisão tradicional entre masculino e feminino parece dividir a população humana em dois mundos diferentes. No entanto, divisão que o feminismo vem descobrir diz respeito ao mundo que todos habitamos. Aquilo que é excluído deste mundo não é a “mulher” (ideia que só faz sentido se dermos por garantida a existência de uma “identidade feminina”). A luta pela emancipação política começa precisamente com a “perda de identidade”. Os defensores de valores tradicionais excluem a mulher com base na sua identidade: querem que a “Mulher” exista como tal. Mas a dimensão explosiva da “questão da mulher” não tem nada que ver com identidades (vistas como algo positivo), mas sim com o modo esta como coloca a descoberto a divisão sobre a qual assenta a homogeneidade do social. Esta exclusão não se define meramente como a exclusão daquilo que está “do outro lado”, mas acima de tudo o que é excluída é a própria divisão: exclui-se o antagonismo social. Aquilo que é explosivo no feminismo é este fazer reaparecer a luta social (sob a forma da luta das mulheres) no seu estado puro.

A negatividade do sexo é neutralizada quando substituímos diferenças de sexo por diferenças de género: o sexo evapora-se e ficamos com uma categoria neutra. O género, segundo Joan Copjec, roubou o sexo ao sexo. Sugerir que a diferença sexual é uma questão ontológica pode porventura ser problemático (visto que se essencializam as diferenças) e levar alguns a dizer que não há aqui nada de novo. Isto porque várias cosmologias assentam na diferença sexual como princípio fundador: por exemplo, os binómios ying-yang, matéria-forma, ativo-passivo. Com a revolução científica do renascimento, a ciência e a filosofia abandonam estes princípios, provocando uma “des-sexualização da realidade”. Estas disciplinas põem de lado não só a sexualidade mas também a ontologia (mais tarde, com Kant, deixa de ser possível conhecer a realidade “em si mesma”). Contudo, a ontologia é, nos dias de hoje, novamente uma questão central.

O sexo não é inerentemente ilógico e caótico; estas suas características resultam de ele surgir precisamente quando não é possível fazer sentido, i.e. no momento da relação com o Outro. A irracionalidade do sexo é produto da tentativa de pensar logicamente este impasse da lógica.

### **1.2. Palavras-chave:**

Heteronormatividade; Cristianismo; Prazer; Perversidade; Instinto Natural; Natureza e Cultura; Inconsciente; Negatividade; Real; Fantasia; Impossível; Mulher; Identidades; Sexo e Género;

### **Para citar esta ficha de leitura:**

**João Paulo Guimarães** (2018), ficha de leitura do livro: Zupancic, Alenka. *What Is Sex?* Massachusetts: MIT Press, 2017.